

Monsieur Parent

Guy de Maupassant

I

O pequeno Georges, de gatinhas na alameda, fazia montes de areia. Juntava-a com ambas as mãos, erguia-a em pirâmide, depois plantava no cimo uma folha de castanheiro.

Seu pai, sentado numa cadeira de ferro, contemplava-o com uma concentrada e amorosa atenção e só via a ele, seu filhinho, na acanhada praça pública apinhada de gente.

Ao longo do caminho em curva, que passa por diante da fonte e do templo da Trinité, voltando após haver contornado a grama, outras crianças também se ocupavam com os seus brinquedos de pequenos animais, enquanto as criadas, indiferentes, olhavam para o ar com os seus olhos bovinos ou as mães conversavam entre si, lançando à petizada um contínuo olhar de vigilância.

A mas, de duas em duas, passeavam com um ar grave, deixando flutuarem atrás de si as longas fitas vistosas de suas toucas e carregando nos braços qualquer coisa de branco envolvido em rendas; meninas de saia curta e pernas nuas travavam sérias conversações entre duas corridas de arco, e o guarda da praça, de túnica verde, errava em meio àquele miúdo povo, a fazer contínuas voltas para não demolir construções de terra, para não esmagar mãos, para não perturbar o trabalho de formiga daquelas encantadoras larvas humanas.

O sol desaparecia por detrás dos telhados da rua Saint-Lazare e lançava seus longos raios oblíquos sobre aquelas pequenas e barulhentas crianças.

Os castanheiros se inflamavam de um fulgor amarelado, e as três cascatas, diante do alto pórtico da igreja, pareciam de prata líquida.

Monsieur Parent olhava seu filho acorado no chão: seguia com amor os menores gestos, parecia enviar beijos com a ponta dos lábios a todos os movimentos de Georges.

Mas tendo erguido os olhos para ver as horas na torre verificou que estava atrasado cinco minutos. Então ergueu-se, pegou o pequeno pelo braço, sacudiu-lhe a roupa cheia de terra, limpou-lhe as mãos e arrastou-o para a rua Blanche. Ele apertava o passo para não chegar em casa depois de sua mulher; e o garoto, que não podia acompanhá-lo naquele andar, ia trotando a seu lado.

O pai então tomou-o no colo e, acelerando ainda mais a marcha, pôs-se a arquejar com o esforço que fazia para subir a calçada em ladeira. Era um homem de seus quarenta anos, já grisalho, um tanto corpulento, que ostentava com um ar inseguro uma bela barriga de bom viver que a vida, as circunstâncias haviam tornado tímido.

Tinha desposado alguns anos antes uma jovem ternamente amada, que o tratava agora com uma rudeza e uma autoridade de déspota todo-poderosa. Ela o repreendia sem cessar por tudo quanto ele fazia e por tudo o que não fazia; repreendia com aspereza seus menores atos, seus hábitos, seus simples prazeres, seus gostos, seus modos, seus gestos, a rotundidade de seu ventre e o som plácido da voz.

Entretanto ainda a amava, mas amava sobretudo o filho que tivera dela, Georges, agora com três anos, e que se tornara a maior alegria e o maior cuidado de seu coração. Capitalista modesto, vivia sem ocupações com seus vinte mil francos de renda; e sua mulher, que não trouxera dote, se indignava continuamente com a inércia do marido.

Chegou enfim em casa, depôs o menino sobre o primeiro degrau da escada, enxugou a fronte e pôs-se a subir.

No segundo andar, tocou a campainha.

Uma velha serviçal, que o criara, uma dessas criadas-senhoras que são os tiranos das famílias, veio abrir; e ele perguntou com angústia:

— Madame já chegou?

A criada ergueu os ombros:

— Quando já viu o senhor madame chegar as seis e meia?

Ele respondeu num tom embaraçado:

— Está bem, tanto melhor, assim tenho tempo para mudar de roupa, pois estou com muito calor.

A criada olhava-o com uma piedade irritada e desdenhosa. Ela resmungou:

— Oh! eu bem vejo que o patrão está encharcado, o patrão correu, carregou o menino com certeza; e tudo isso para esperar madame até as sete e meia. A mim é que não fazem esperar. Eu preparo a janta para as oito e, se demoram, tanto pior, o assado se queima!

— Está bem, está bem. É preciso lavar as mãos de Georges, que andou brincando com terra. Recomenda à criada de quarto que prepare bem o menino.

E ele dirigiu-se para seu aposento. Logo que ali se viu, baixou o ferrolho para ficar só, bem só, inteiramente só. De tal modo se habituara, ultimamente, a ver-se desconsiderado e maltratado, que só se julgava em segurança sob a proteção das fechaduras. Não ousava nem mesmo pensar, refletir, raciocinar, se não se achasse garantido, por uma volta de chave contra os olhares e as suposições. Deixando-se cair numa cadeira para repousar um pouco antes de trocar de roupa branca, ele pôs-se a considerar que Julie estava se tornando um novo perigo em casa. Ela odiava sua mulher, era evidente; e odiava sobretudo seu camarada Paul Limousin, que permanecera, coisa rara, amigo íntimo e habitual da casa, depois de ter sido companheiro inseparável da sua vida de solteiro. Era Limousin quem servia, por assim dizer, de lubrificante e de pára-choque entre Henriette e ele, quem o defendia, com vivacidade, com severidade até, contra as censuras imerecidas, contra as cenas vexatórias, contra todas as misérias cotidianas da sua existência.

Mas eis que, isto nos últimos seis meses, Julie se arrogava o direito de fazer observações e juízos malévolos a respeito da sua patroa. Ela a criticava a cada momento, declarava vinte vezes por dia: "Ah, se eu fosse o patrão, eu não me deixaria levar assim pelo cabresto. Enfim... Bem!... Cada qual conforme a sua natureza".

Um dia, até, fora insolente com Henriette, que se limitara a dizer, à noite, a seu marido: "Fique sabendo que à primeira palavra atrevida que ela me disser eu a ponho no olho da rua".

No entanto, ela, que não tinha medo de coisa nenhuma, parecia temer a velha criada; e Parent atribuía essa mansidão a um sentimento de consideração para com a ama que o criara e que fechara os olhos da sua mãe.

Mas o que estava feito não tinha remédio, aquela situação não podia demorar-se por mais tempo; e ele amedrontava-se ante a idéia do que ia acontecer. Que poderia fazer? Despachar Julie lhe parecia uma resolução tão perigosa que nem ousava demorar nela o pensamento. Dar-lhe razão contra a sua mulher era igualmente impossível; e ele não dava um mês para que a situação se tornasse insustentável entre as duas.

Permanecia sentado, com os braços pendidos, procurando vagamente um meio de conciliar tudo, mas não achava saída alguma: "Felizmente, eu tenho Georges... Se não fosse ele, eu seria mesmo muito desgraçado".

Depois lhe ocorreu a idéia de consultar Limousin; assim deliberou fazer; mas logo a lembrança de inimizade entre sua criada e o amigo lhe despertou o temor de que este lhe aconselhasse a expulsão; e ei-lo de novo entregue às suas angústias e incertezas.

O relógio bateu sete horas. Ele teve um sobressalto. Sete horas, e ainda não havia mudado de roupa! Então angustiado, arquejante, despiu-se, lavou-se, pôs uma camisa limpa, e tornou a vestir-se com precipitação, como se o estivessem esperando na sala vizinha para um acontecimento de extrema importância.

Depois entrou no salão, feliz por não ter nada mais a temer.

Lançou uma vista d'olhos pelo jornal, foi espiar a rua, tornou a sentar-se no sofá; mas uma porta abriu-se, e seu filho entrou, asseado, penteado, sorridente. Parent tomou-o nos braços e beijou-o com paixão. Beijou-o primeiro nos cabelos, depois nos olhos, depois nas faces, depois na boca, depois nas mãos. Depois o fez dar um salto para cima, erguendo-o, com os punhos, até o teto. Depois se assentou, fatigado com aquele esforço; e, montando Georges num joelho, começaram ambos a brincar de cavalinho.

O menino ria, encantado, agitava os braços, lançava gritos de prazer, e o pai também ria e gritava de contentamento, a sacudir seu gordo ventre e divertindo-se ainda mais do que o garoto.

Ele o amava com todo aquele seu bom coração de fraco, de resignado, de desiludido. Amava-o com arrebatamentos doidos, numas exageradas carícias, com toda a envergonhada ternura oculta dentro de si e que jamais pudera sair, expandir-se, nem mesmo nos primeiros tempos de seu casamento, pois sua mulher sempre se mostrara seca e reservada.

Julie apareceu na porta, pálida, o olhar brilhante, e anunciou, com uma voz trêmula de exasperação:

— São sete e meia, senhor.

Parent lançou ao relógio um olhar inquieto e resignado, e murmurou:

— Com efeito, são sete e meia.

— Bem, o jantar está pronto, agora. Prenunciando a tempestade, ele se esforçou por afastá-la:

— Mas não me havia dito, quando cheguei, que prepararia o jantar para as oito horas?

— Para as oito horas!... O patrão acreditou nisso? Então vai querer que o menino coma às oito horas agora? A gente diz isso por dizer. Não vê que estragaria o estômago do pequeno, fazendo-o comer às oito horas? Oh!

se fosse pela mãe dele... Mas lá se importa ela com o filho?! Ah! que mãe! que mãe! É uma lástima saber que existem mães como aquela!

Parent, a fremir de angústia, sentiu que era preciso acabar de uma vez com a cena ameaçadora.

— Julie—disse ele—,eu não consinto absolutamente que fale assim da sua senhora. Está ouvindo? Não esqueça isso para o futuro.

A velha criada, sufocada de espanto, deu meia-volta e saiu batendo a porta com tanta violência que todos os cristais do lustre se movimentaram. Houve, por alguns segundos, como que um leve e vago soar de pequenos sinos invisíveis, que vibrou no ar silencioso do salão.

Georges, surpreso a princípio, pôs-se a bater as mãos de contentamento e, inchando as bochechas, fez um formidável "bum" com toda a força de seus pulmões, para imitar o ruído da porta.

Então o pai começou a lhe contar histórias; mas sua preocupação de espírito o fazia perder a cada instante o fio da narrativa; e o menino, sem compreender mais nada, arregalava uns olhos cheios de espanto.

Parent não tirava os olhos do relógio. Parecia-lhe ver andar o ponteiro. Desejaria parar as horas, tornar imóvel o tempo até a chegada de sua mulher. Ele não queria mal a Henriette pela sua demora, mas tinha medo, medo dela e de Julie, medo de tudo o que podia acontecer. Dez minutos mais bastariam para acarretar uma irreparável catástrofe, e explicações e violências que ele nem sequer ousava imaginar. O simples pensamento da disputa, dos gritos, das injúrias atravessando o ar como balas das duas mulheres frente a frente, olhando-se no fundo dos olhos e lançando uma à cara da outra as frases mais ofensivas, secava-lhe a boca como uma caminhada ao sol, tornava-o mole como um trapo, tão mole que ele não tinha mais forças para erguer o filho e fazê-lo cavalgar sobre o seu joelho.

Oito horas bateram; a porta tornou a abrir-se e Julie reapareceu. Não tinha mais o seu ar exasperado, mas um ar de resolução malévola e fria, mais temível ainda.

— Patrão—disse ela—,eu servi sua mamãe até seu último instante, eu também cuidei do senhor desde seu nascimento até hoje! Creio que não se pode dizer que eu não seja dedicada à família...

Ela esperava uma resposta. Parent balbuciou:

— Mas sim, minha boa Julie. Ela continuou:

— Bem sabe o patrão que eu nunca fiz nada por interesse de dinheiro, mas sim pelo seu próprio interesse, que nunca o enganei nem lhe menti; o patrão bem sabe que nunca pôde me censurar-..

— Mas certamente, minha boa Julie.

— Pois bem, patrão, isto não pode continuar por mais tempo. Era por amizade ao senhor que eu não dizia nada, que eu o deixava na ignorância; mas é demais, e riem muito do patrão no bairro. Faça o senhor o que quiser, mas a verdade é que todo mundo sabe; nunca fui mexeriqueira, mas é preciso que eu lhe diga a coisa, afinal. Se madame costuma chegar assim fora de hora, é porque anda fazendo indecências. Ele permanecia estupidificado, sem nada compreender. Pôde apenas balbuciar:

— Cale-se... Você sabe que proibi...

Ela cortou-lhe a palavra, com uma decisão irresistível.

— Não, patrão, é preciso que eu lhe diga tudo, agora. Há muito que madame o engana com Limousin. Eu mesma os vi mais de vinte vezes a beijarem-se atrás das portas. Ora! ora! se Limousin fosse rico, não seria com o patrão que madame iria casar-se... Se o patrão se lembrasse como se fez o casamento, compreenderia tudo de uma vez...

Parent se erguera, lívido, balbuciando:

— Cale-se... cale-se... senão... Ela continuou:

— Não, eu lhe contarei tudo. Madame casou com o patrão por interesse; e ela o enganou logo no primeiro dia. Havia combinação entre eles! Basta refletir um pouco para compreender isso. Então, como madame não estava contente de ter casado com o patrão, de quem não gostava, ela lhe tornou a vida um suplício, de maneira que eu sentia partir-me o coração, eu que compreendia tudo...

Ele deu dois passos, com os punhos cerrados, repetindo: "Cale-se... cale-se...", pois não achava nada que responder.

A velha criada não recuou; parecia disposta a tudo.

Mas Georges, estupefato a princípio, depois assustado com o tom daquelas vozes, pôs-se a soltar gritos agudos. Permanecia de pé atrás de seu pai, com a face crispada, a boca aberta, a berrar.

O clamor de seu filho exasperou Parent, encheu-o de coragem e de furor. Ele precipitou-se para Julie, com os punhos erguidos, prontos a castigá-la, e gritando:

— Ah! miserável! você vai transtornar a cabeça do menino.

Ele já lhe tocava! Ela lançou-lhe na cara:

— O patrão pode me bater se quiser, em mim que o criei; isto não impedirá que sua mulher o engane e que o menino não seja seu filho!...

Ele estacou de repente, deixou cair os braços; e ficou parado na frente dela, de tal modo tresvairado que não compreendia mais nada.

Ela acrescentou:

— Basta olhar o menino para reconhecer o pai! É o retrato vivo de Limousin. É só reparar nos olhos e na testa. Nem um cego se enganaria...

Mas ele a pegara pelos ombros e a sacudia com toda a força, gaguejando:

— Víbora... víbora! Fora daqui, víbora... Saia daqui senão eu te mato!... Saia! Saia!...

E num desesperado esforço empurrou-a para a sala vizinha. Ela tombou sobre a mesa servida, cujos copos caíram e se quebraram; depois, tendo-se erguido, abrigou-se do outro lado da mesa, e, enquanto ele a perseguia para agarrá-la, ela cuspiu-lhe no rosto palavras terríveis:

— O patrão não tem mais que sair... esta noite... depois do jantar... e voltar em seguida... o patrão verá!... verá se eu menti!... Experimente... e verá.

Enquanto isso, ela havia alcançado a porta da cozinha, e fugiu. Ele correu atrás dela, subiu a escada até o quarto onde a criada se fechara, e batendo à porta:

— Você vai deixar a casa agora mesmo! Ela respondeu de dentro do seu quarto:

— O patrão pode ficar certo, em uma hora eu não estarei mais aqui.

Então ele desceu lentamente, apoiando-se ao corrimão para não cair; e entrou no salão, onde Georges chorava, sentado no tapete.

Parent deixou-se cair numa cadeira e olhou para o menino com um ar apalermado. Ele não compreendia mais nada; não sabia mais nada; sentia-se aturdido, estupidificado, idiota, como se houvesse caído de ponta-cabeça; mal se lembrava das coisas horríveis que lhe dissera a criada. Depois, pouco a pouco, sua razão, como uma água turbada, se acalmou e esclareceu; e a abominável revelação começou a trabalhar-lhe o coração mortificado.

Julie falara com tamanha precisão, com tal força, tal segurança, tal sinceridade, que ele não pôs em dúvida sua boa fé, mas obstinava-se em duvidar da sua clarividência.

Ela bem podia haver-se enganado, cegada por seu devotamento a ele, arrastada por um ódio inconsciente contra Henriette. No entanto, à medida que procurava tranquilizar-se e convencer-se, mil pequenos fatos despertavam na sua lembrança palavras de sua mulher, olhares de Limousin, uma porção de nada não observados, quase despercebidos, saídas fora de hora, ausências simultâneas, e mesmo gestos quase insignificantes, mas esquisitos, que ele não soubera ver nem compreender, e que agora tomavam para si uma importância extrema, evidenciando uma conivência entre ambos. Tudo que se passara desde seu noivado lhe acudia bruscamente à memória superexcitada pela angústia. Recordava tudo, entonações singulares, atitudes comprometedoras; e o seu pobre espírito de homem, calmo e bom, acossado pela dúvida, lhe apresentava agora, como certezas, o que poderia ainda não passar de suspeitas.

Com uma cruel obstinação, ele esquadrihava os cinco anos de casamento, procurando reviver tudo, mês a mês, dia a dia; e cada coisa importante que descobria doía-lhe no coração como a ferroada de uma vespa.

Não pensava mais em Georges, que por fim se calara, sentado no chão. Mas vendo que não se ocupavam com ele, o menino recomeçou a chorar.

Seu pai precipitou-se, tomou-o nos braços e cobriu-lhe a cabeça de beijos. Ao menos lhe restava seu filhinho! Que importava o resto? Ele segurava-o, apertava-o, com a boca nos seus cabelos loiros, aliviado, consolado, balbuciando: "Georges... meu Georginho, meu querido Georginho..." Mas lembrou-se de súbito do que dissera Julie... Sim, ela havia dito que seu filho era de Limousin... Oh! aquilo não era possível, ele não podia acreditar, não podia nem mesmo suspeitar tal coisa, por um segundo que fosse. Era uma dessas odiosas infâmias que germinam nas almas ignóbeis dos criados! Ele repetia: "Georges... meu Georginho". O garoto mimado, calara-se outra vez.

Parent sentia o calor do pequenino peito penetrar no seu através das roupas. Aquilo o enchia de amor, de coragem, de alegria; aquele suave calor de criança o acariciava, o fortalecia, o salvava.

Então afastou um pouco a pequenina cabeça encaracolada para olhá-la apaixonadamente. Ele a contemplava avidamente, perdidamente, embriagando-se à sua vista, e repetindo sempre: "Oh! meu Georginho... meu Georginho!"

De súbito, pensou: "Mas se ele se parecesse com Limousin!..."

Sentiu algo de estranho, assombroso, uma pungente e violenta sensação de frio em todo o corpo, em todos os membros, como se os seus ossos, de repente, se houvessem tornado de gelo. Oh! se ele se parecesse com Limousin!... E continuava a olhar para Georges, que ria agora. Fitava-o com um olhar inquieto, turvo desvairado. E procurava-lhe na fronte, no nariz, na boca, nas faces, alguma coisa da fronte, do nariz, da boca ou das faces de Limousin.

O seu pensamento se perdia como o de quem está enlouquecendo; e o rosto de seu filho se transformava sob o seu olhar, assumia aspectos estranhos, semelhanças inverossímeis.

Julie dissera: "Nem um cego se enganaria". Havia então um traço evidente, inegável? Mas o quê? A testa Sim, talvez... No entanto Limousin tinha a testa mais estreita! A boca, então? Mas Limousin usava barba. Com verificar as relações entre aquele rechonchudo queixinho infantil e o mento peludo daquele homem?

Parent considerava: "Eu não distingo, não posso distinguir coisa alguma, estou muito perturbado; não poderia reconhecer nada agora... Tenho de esperar; será preciso que eu o examine bem amanhã de manhã, ao levantar-me".

Depois ele pensou: "Mas se ele se parecesse comigo, eu estaria salvo! salvo!"

E em duas pernadas atravessou o salão para ir examinar no espelho a face de seu filho ao lado da sua.

Mantinha Georges sentado sobre o seu braço, a fim de que as duas cabeças ficassem bem próximas, e falava em voz alta, tamanho era o seu desvario. "Sim... nós temos o mesmo nariz... o mesmo nariz... talvez... não é certo... e o mesmo olhar... Mas não, ele tem olhos azuis... Então... oh! meu Deus!... meu Deus!... meu Deus!... e enlouqueço!... Não posso mais olhar... eu enlouqueço!..."

Fugiu para longe do espelho, para a outra extremidade do salão, tombou numa cadeira, sentou o pequeno em outra, e pôs-se a chorar. Ele chorava com uns grandes soluços desesperados. Georges, impressionado de ver seu pai soluçar, rompeu logo em gritos,

A campainha tocou. Parent deu um salto, como se fosse atingido por uma bala. Ele disse: "Ei-la que chega.. o que é que eu vou fazer?" E correu a fechar-se no seu quarto para ter tempo, ao menos, de enxugar os olhos. Mas passados alguns segundos retiniu um novo toque de campainha que o fez estremecer; lembrou-se então que Julie partira sem que a criada de quarto fosse avisada. Ninguém para ir abrir a porta. Que fazer? Foi ele mesmo.

E eis que de repente se sentiu bravo, resoluto, pronto para a dissimulação e para a luta. O horrível choque c amadurecera em poucos instantes. E depois, ele queria saber; í ele o queria com um furor de tímido e uma tenacidade de bonachão exasperado.

Ele tremia no entanto! Seria de medo? Sim... Talvez ainda tivesse medo dela... Quem sabe lá o quanto não contém a audácia, às vezes, de covardia fustigada?

Atrás da porta, que alcançara a passos furtivos, ele parou para escutar. O seu coração batia em pancadas furiosas; era só o que ele ouvia: aquelas grandes batidas surdas dentro de seu peito e a voz aguda de Georges, que continuava a chorar, no salão.

De súbito, o som da campainha, irrompendo sobre a sua cabeça, o sacudiu como uma explosão; então, arquejante, desfalecente, ele torceu a chave na fechadura e abriu a folha da porta.

Sua mulher e Limousin se achavam ali, postados diante dele, no alto da escada.

Ela disse, com um ar de espanto, em que transparecia um pouco de irritação:

— Então é você que abre a porta agora? Onde está Julie?

Ele tinha a garganta apertada, sua respiração precipitava-se, fazia esforços para responder, sem conseguir articular uma palavra.

Ela insistiu:

— Emudeceu, acaso? Estou perguntando onde está Julie. Então ele balbuciou:

— Ela... ela... partiu...

— Como? Partiu? Para onde? Por quê?

Ele recuperava pouco a pouco o domínio próprio e sentia nascer em si um vivo ódio contra aquela mulher insolente que o defrontava.

— Sim, partiu para sempre... eu a despachei..

— Você a despachou?... Julie?... Mas está louco?

— Sim, eu a despachei porque ela foi insolente e... e... maltratou o menino.

— Julie?

— Sim... Julie...

— E com respeito a que ela foi insolente?

- Com respeito a você.
- A mim?
- Sim... porque a janta estava queimada e você não chegava.
- Que disse ela?
- Ela disse... coisas desagradáveis de você... coisas que eu não devia... que eu não podia ouvir...
- Que coisas?
- É inútil repeti-las.
- Eu quero saber.

— Ela disse que era uma desgraça um homem como eu casar com uma mulher como você, sem pontualidade, sem ordem, sem zelo, péssima dona-de-casa, mãe indigna, e má esposa...

Henriette entrara na ante-sala, seguida por Limousin, que não dizia palavra ante aquela inesperada situação. Ela fechou bruscamente a porta, atirou a capa sobre uma cadeira e avançou para o seu marido, gaguejando, exasperada-

— Você diz?... você diz?... que eu sou?.. Ele estava pálido, muito calmo. E respondeu:

— Eu não digo coisa nenhuma minha cara amiga; apenas repito as palavras de Julie, que você quis conhecer, e digo que a pus na rua justamente por causa de tais palavras.

Ela fremia de violento desejo de espedaçar-lhe a barba e as faces com as unhas. Na voz de seu marido, no seu tom, no seu ar, bem que ela sentia a revolta, embora nada lhe pudesse retrucar, e procurava retomar a ofensiva com alguma frase direta e contundente.

— Jantou?—perguntou ela.

— Não, eu estava à sua espera.

Ela ergueu os ombros com impaciência.

— É estúpido esperar depois das sete e meia. Você deveria compreender que fui retida, que tive coisas a fazer, voltas a dar.

Depois, de repente, lhe veio a necessidade de explicar o emprego de seu tempo, e contou, em frases breves, altaneiras, que, tendo de escolher objetos de mobiliário numa casa muito distante, na rua de Rennes, se encontrara na volta com Limousin depois das sete horas, no Bulevar SaintGermain, e que então solicitara a sua companhia para ir comer alguma coisa num restaurante onde não ousava entrar sozinha, embora estivesse morrendo de fome. Eis como havia jantado, com Limousin, se é que se podia chamar aquilo de janta; pois apenas haviam pedido uma sopa e meio frango, tamanha era a pressa em que estavam de voltar para casa.

Parent limitou-se a responder:

— Mas você fez muito bem. Eu não estou te censurando.

Nisto, Limousin, que até então permanecera mudo, quase oculto atrás de Henriette, aproximou-se e estendeu a mão, murmurando:

— Você está bem?

Parent tomou aquela mão que lhe ofereciam e, apertando-a molemente: —Sim, muito bem.

Mas Henriette havia pescado uma palavra na última frase de seu marido.

— Censura... por que você falou em censura?... Dá a entender que existe alguma intenção.

Ele escusou-se:

— Não, absolutamente. Eu queria apenas responder que não me inquietara com sua demora e que não considerava isso um crime de sua parte.

Ela não deixou escapar o pretexto:

— A minha demora?... Diria que é uma hora da madrugada e que passo a noite fora de casa.

— Mas não, minha querida. Eu disse "demora" por falta de outra palavra. Você devia voltar às seis e meia e voltar às oito e meia. É uma demora, isto! Eu o compreendo muito bem, eu... eu... nem mesmo sinto estranheza nenhuma... mas... mas... me é difícil empregar outra palavra.

— É que você a pronuncia como se eu tivesse dormido fora...

— Mas não... mas não...

Henriette viu que ele cederia sempre, e ia recolher-se ao quarto quando afinal notou que Georges chorava. Então ela perguntou com um ar preocupado:

— Que é que tem o pequeno?

— Eu já disse a você que Julie o maltratou um pouco.

— Que foi que ela lhe fez, essa cachorra?

— Oh! quase nada. Ela o empurrou e ele caiu.

Ela quis ver o filho e precipitou-se para a sala de jantar, mas estacou ante a mesa coberta de vinho derramado, de garrafas e de copos quebrados, e cadeiras viradas.

— Que significa isso?

— Foi Julie que...

— Basta! Basta! Já é demais! Então Julie me trata de desavergonhada, bate em meu filho, quebra minha louça, transtorna minha casa e você acha tudo isto muito natural!

— Mas não... pois se eu a mandei embora...

— Ah! Mandou-a embora?... Mas o que era preciso era metê-la na cadeia. É o comissário de polícia que a gente chama num caso destes!

Ele balbuciou:

— Mas... minha querida... eu não podia fazer isso... não havia motivo suficiente... Na verdade, seria muito embaraçoso...

Ela ergueu os ombros com um infinito desprezo.

— Bem, você nunca passará de um trapo, de um joãozinguém, um pobre homem sem vontade, sem firmeza, sem energia. Ah! ela deve ter dito a você poucas e boas, a sua Julie, para que decidisse a pô-la no olho da rua. Eu desejaria ter estado presente aqui por um minuto, nada mais que um minuto.

Tendo aberto a porta do salão, ela correu para Georges, ergueu-o, apertou-o nos braços, beijando-o: "Georgico, o que foi, meu gatinho, meu anjo, meu filhote?"

Acariciado pela sua mãe, Georges calou-se. Ela repetiu:

Diga-me o que é que você tem...

E ele, que vira tudo confusamente através de seu medo, respondeu:

— É que Zulie deu no papai.

Henriette voltou-se para o marido, estupefata a princípio. Depois, um doido desejo de rir despertou em seu olhar, perpassou como um frêmito em suas faces delicadas, soergueu seu lábio, franziu as asas de suas narinas, e enfim jorrou de sua boca num claro esfuzio de alegria, numa cascata de hilaridade, sonora e viva como um gorjear de pássaro. Ela repetia, com gritinhos maldosos que passavam entre seus dentes brancos e dilaceravam Parent como mordidas:

— Ah!... ah!... ah!... ah!... ela... deu em você... Ah!... ah!... ah!... que coisa mais engraçada, meu Deus!... Está ouvindo, Limousin? Julie deu nele... deu nele... Julie deu uma surra em meu marido... Ah!... ah!... ah... que engraçado!...

Parent balbuciava:

— Mas não... não... não é verdade... não é verdade... Fui eu, pelo contrário, que a empurrei para a sala de jantar com tanta força que ela virou a mesa. O menino viu mal. Fui eu que a surrei!

Henriette dizia a seu filho:

— Repete, meu anjinho. Foi Julie quem deu no papai? Ele respondeu:

— Sim, foi Zulie quem deu no papai.

Depois, mudando de súbito para outro assunto, ela exclamou:

— Mas esse menino ainda não jantou? Você não comeu nada, meu querido?

— Não, mamãe.

Então ela se voltou, furiosa, para o marido:

Você está mesmo louco, louco varrido! São oito e meia e Georges ainda não jantou!

Ele desculpou-se, desnorreado com a nova cena e com novas explicações a dar, esmagado sob aquele desmoroamento da sua vida.

— Mas, minha querida, nós estávamos à sua espera. Eu não queria jantar sem sua companhia. Como você chega todos os dias fora de hora, eu pensei que ia aparecer de um momento para outro.

Ela lançou para cima de uma cadeira seu chapéu, que conservara na cabeça até então e, com a voz nervosa:

— Na verdade, é intolerável tratar com gente que não compreende nada, que não adivinha nada, que nada sabe fazer por conta própria. Então, se eu voltasse à meia-noite, o menino não teria comido coisa alguma? Como se você não pudesse compreender que, passando das sete e meia, eu tivera um impedimento, um atraso, um contratempo qualquer!...

Parent tremia, sentindo a cólera dominá-lo; mas Limousin interveio e, voltando-se para Henriette:

— Você está sendo muito injusta, minha cara amiga. Parent não podia adivinhar que você chegaria tão tarde, coisa que nunca acontece; e depois, como queria você que ele se arranjasse sozinho, após haver despachado Julie?

— No entanto ele terá de arranjar-se sozinho, porque eu não o ajudarei. Ele lá que se arranje!

E entrou bruscamente no seu quarto, esquecida já de que seu filho não havia jantado.

Então Limousin, de repente, multiplicou-se para auxiliar seu amigo. Juntou e retirou os cacos que enchiam a mesa, arranjou-a de novo e sentou o menino na sua cadeirinha alta, enquanto Parent ia procurar a criada de quarto para que o viesse servir.

Ela chegou atônita, pois nada ouvira do quarto de Georges, onde estivera trabalhando.

Trouxe a sopa, um assado queimado, e depois batatas recozidas.

Parent sentara-se ao lado do filho, com o espírito desnorteado, com a razão como que varrida por aquela catástrofe. Dava de comer ao pequeno, tentava ele próprio alimentar-se, cortava a carne, mastigava-a e a engolia com esforço, como se a sua garganta estivesse paralisada.

Então, pouco a pouco, despertou em sua alma um ansioso desejo de observar Limousin, que, sentado à sua frente, amassava bolinhas de pão. Queria averiguar se ele se parecia com Georges. Mas não ousava levantar os olhos.

Decidiu-se, contudo; e fitou de repente aquele rosto que tão bem conhecia, embora lhe parecesse nunca o haver examinado antes, de tal modo o achou diferente do que julgara. De segundo em segundo, ele lançava um rápido olhar àquele rosto, procurando esquadriñar-lhe as mínimas linhas, os mínimos aspectos; e em seguida olhava para o seu filho, sob o pretexto de lhe dar comida.

Sempre as mesmas palavras zumbiam em seu ouvido: "Ele é o pai! é o pai! é o pai!" Latejavam em suas têmporas a cada batida de seu coração. Sim, aquele homem, aquele homem tranqüilo, sentado do outro lado daquela mesa, era talvez o pai de seu filho, de Georges, do seu Georquinho. Parent cessou de comer, não podia mais. Uma dor atroz, uma dessas dores que fazem gritar, rolar pelo chão, morder os móveis, lhe espedaçava as entranhas. Teve vontade de tomar da faca e enterrá-la no ventre. Aquilo o aliviaria, o salvaria; estaria tudo acabado.

Pois como poderia ele viver agora? Poderia continuar vivo, levantar-se pela manhã, comer a determinada hora, sair à rua, voltar, deitar-se, e dormir à noite, com aquele pensamento a martelar-lhe o cérebro: "Limousin, pai de Georges?!" Não, ele não teria mais forças para dar um passo, para vestir-se, para pensar em alguma coisa, para falar com alguém! Cada dia, a cada hora, a cada instante, ele indagaria aquilo, procuraria saber, adivinhar, surpreender aquele horrível segredo. E o menino, o seu querido menino, ele não mais poderia vê-lo sem sofrer o espantoso tormento daquela dúvida, sem sentir-se dilacerado até as entranhas, torturado até a medula dos ossos. E teria de viver ali, ficar naquela casa, ao lado daquele menino a quem amaria e odiaria! Sim, acabaria por odiá-lo, seguramente. Que suplício! Oh! se ao menos tivesse certeza de que Limousin era o pai, talvez chegasse a acalmar-se, a adormecer na sua desdita... Mas não saber ao certo era intolerável.

Não saber, investigar sempre, sofrer sempre, e beijar aquele menino a todo momento, o filho de outro homem, passear com ele, carregá-lo nos braços, sentir sob os lábios a carícia de seus cabelos macios, adorá-lo e pensar continuamente: "Ele não é meu filho, talvez!" Não seria melhor não mais tornar a vê-lo, abandoná-lo, extraviá-lo nas ruas, ou então fugir para muito longe, para tão longe, que nunca mais ouvisse falar de nada, nunca mais?!

Sentiu um sobressalto ao ouvir a porta abrir-se. Sua mulher vinha entrando.

— Eu estou com fome — disse ela. — E você, Limousin?

Limousin respondeu, hesitante:

— Sim... sim... eu também.

E ela mandou trazer de novo o assado.

Parent indagava consigo mesmo: "Será que eles jantaram mesmo? ou se demoraram apenas num encontro amoroso?!!"

Os dois comiam agora com grande apetite. Henriette, tranqüila, ria e gracejava. O marido a espiava também, com olhares rápidos, logo desviados. Ela vestia um robe de chambre cor-de-rosa, guarnecido de rendas brancas. a sua cabeça loira, e o seu colo fresco, as suas mãos gordinhas, ressaltavam daquele lindo vestido galante e perfumado como de uma concha bordada de espuma. Que fizera ela todo o dia com aquele homem? Parent os via enlaçados, balbuciando palavras ardentes! Como é que não podia ele nada descobrir, nada adivinhar, vendo-os assim lado a lado, na sua frente?

Como não deveriam os dois zombar dele, se o enganavam desde o primeiro dia? Seria possível ludibriar assim um homem, um homem bom, só porque o pai lhe deixara um pouco de dinheiro? Como é que não se podia ler essas coisas nas almas? Como podia ser que nada revelasse aos corações retos as fraudes dos corações infames, e que fosse a mesma a voz para mentir e adorar, e o pérfido olhar que engana, semelhante ao olhar

sincero?

Ele os espiava, esperando um gesto, uma palavra, uma entonação. De súbito pensou: "Eu vou surpreendê-los esta noite". E disse:

— Minha querida, como acabo de despachar Julie, é preciso que trate hoje mesmo de achar uma outra criada. Vou sair em seguida a fim de conseguir alguém para amanhã de manhã. Talvez regresse um pouco tarde.

Ela respondeu:

— Pois vá; não me moverei daqui. Limousin me fará companhia. Nós te esperamos.

Depois, voltando-se para a criada de quarto:

— Você, vá deitar Georges, em seguida pode tirar a mesa e ir para seu quarto.

Parent se erguera. Oscilava sobre as pernas, aturdido, trôpego. Ele murmurou: "Até logo", e ganhou a porta, apoiando-se à parede, pois o soalho jogava como um barco.

Georges saíra no colo da criada. Henriette e Limousin passaram para o salão. Logo que a porta foi fechada:

— Como?! Está louca?— disse ele.— Provocar assim seu marido!

Ela voltou-se:

— Sabe? Já começo a achar demais essa sua mania, de uns tempos para cá, de apresentar Parent como um pobre mártir.

Limousin lançou-se numa cadeira e, cruzando as pernas:

— Não quero absolutamente apresentá-lo como tal, mas acho que é ridículo, na nossa situação, desafiar esse homem da manhã à noite.

Ela tomou um cigarro de cima da lareira, acendeu-o, e respondeu:

— Mas eu não o desafio, antes pelo contrário; é ele que me irrita com sua estupidez... e eu o trato como ele bem o merece.

Limousin tornou, com uma voz impaciente:

— É inepto o que você faz! De resto, todas as mulheres são iguais. Ora! Tens aí um excelente homem, demasiado bom, estúpido à força de confiança e de bondade, que não nos incomoda em nada, que não suspeita de nós um só instante, que nos deixa livres e tranqüilos tanto quanto quisermos... e você ainda faz tudo o que pode para enfurecê-lo e estragar nossa vida!

Henriette voltou-se para ele:

— Ah, você me aborrece! Você é covarde como todos os homens! Você tem medo daquele cretino!

Ele ergueu-se vivamente e, furioso:

— Ah! sim? Eu só queria saber o que foi que ele te fez e por que motivo chega a odiá-lo? Ele acaso faz de você uma desgraçada? Te bate? Te engana? Não! É revoltante, afinal, fazer sofrer esse homem unicamente porque ele é bom demais, e lhe querer mal unicamente porque o engana.

Ela aproximou-se de Limousin e, olhando-o dentro dos olhos:

— E é você quem me censura por enganá-lo? Você? Você? Ah! é preciso ter um caráter muito vil...

Ele se defendeu, um tanto vexado:

— Mas eu não te censuro nada, minha querida, eu te peço apenas que poupe um pouco seu marido, porque nós dois temos necessidade da confiança dele. Parece-me que deverias compreender essas coisas.

Estavam bem próximos um do outro, ele, corpulento, moreno, de suíças, com o ar um tanto vulgar de belo rapagão satisfeito de si; ela, graciosa, rosada e loira, pequenina parisiense meio cocote e meio burguesa, que nascera nos fundos de uma loja e se criara, às portas da mesma, a fisgar os transeuntes com um olhar, e que enfim desposara, ao capricho daquela pescaria, o passeante simplório, enamorado de a ver ali todos os dias, de manhã, quando saía, e de tarde, quando regressava.

Ela dizia:

— Mas não compreende, imbecil, que eu o abomino justamente porque ele casou comigo, porque me comprou, em suma, porque tudo o que ele diz, tudo o que faz, tudo o que pensa, me irrita os nervos. Ele me exaspera a cada instante por sua parvoíce, que você chama de bondade, por sua lentidão de espírito, que você chama de confiança, e depois, principalmente, porque ele é o meu marido, ele, em vez de você! Eu o sinto sempre entre nós dois, embora ele não nos incomode absolutamente. E depois... e depois... ele é tão idiota que não desconfia de nada! Eu queria que ele fosse um pouco ciumento ao menos. Há momentos em que eu tenho vontade de gritar-lhe: "Mas então você não vê nada, animal, não compreende que Paul é meu amante?!"

— Enquanto você espera, seria bom ficar quieta e não perturbar a nossa existência.

— Ora! eu não a perturbarei, na certa! Com aquele imbecil, não há nada a temer. Mas é incrível que você não

compreenda o quanto ele me é odioso, o quanto ele me enerva. Você, você tem o ar de estimá-lo sempre, de apertar-lhe a mão com franqueza. Os homens são surpreendentes às vezes.

— Mas é preciso dissimular, minha querida.

— Não se trata de dissimular, meu caro, mas de sentimentos. Vocês, logo que enganam um homem, parece que ainda mais o estimam; nós, mulheres, nós o odiámos a partir do momento em que começamos a enganá-lo.

— Eu não compreendo absolutamente por que se há de odiar a um bom homem de quem se tirou a mulher.

— Mas você não percebe?... não percebe?... É um tato que falta a vocês todos! Que quer? São coisas que sentimos, mas impossíveis de explicar. E, antes de tudo, não deveria ser assim mesmo?... Não, é inútil, não c perceberia! Vocês, homens, não têm delicadeza de sentimentos.

E com um suave e desdenhoso sorriso de libertina, pousou as duas mãos nos ombros dele, oferecendo-lhe seus lábios; ele inclinou a cabeça para ela, estreitando-a num abraço, e suas bocas se uniram. E como estavam de pé em frente ao espelho da lareira, um outro par idêntico a eles se unia num beijo atrás da pêndula.

Eles nada tinham ouvido, nem o girar da chave, nem o ranger da porta; mas Henriette, bruscamente, lançando um grito agudo, afastou Limousin com os braços, e eles avistaram Parent, que os olhava, lívido, os punhos cerrados, descalço, e com o chapéu na cabeça.

Ele os olhava, um após outro, com um rápido movimento da vista, sem mover a cabeça. Parecia louco; depois, sem dizer uma palavra, arremessou-se contra Limousin, jugulou-o com ambos os braços como para sufocá-lo, arrastou-o aos trambolhões para um canto, e com tal ímpeto, que o outro, perdendo o equilíbrio, as mãos a debater-se no ar, foi chocar brutalmente o crânio contra a parede.

Mas Henriette, quando compreendeu que seu marido ia liquidar com seu amante, atirou-se a Parent, pegou-o pelo pescoço, e fincando na carne seus dez dedos pequeninos e róseos, ela apertou tão fortemente, com todos os seus nervos de mulher em desvario, que o sangue jorrou sob as suas unhas. E ela lhe mordida a espádua como se quisesse estraçalhá-lo com os dentes. Parent, estrangulado, a sufocar, largou Limousin, para sacudir de si a mulher, agarrada ao seu pescoço; e, apanhando-a pela cintura, ele a jogou, num só arremessão, até o outro extremo da sala.

Depois, como tivesse a cólera breve dos bonachões, e a violência impulsiva dos fracos, ele ficou parado entre os dois, arquejante, exausto, sem saber mais o que deveria fazer. O seu furor brutal se havia derramado naquele esforço, como a espuma de um vinho que se destampa; e a sua energia insólita acabava em esfalfamento.

Logo que pôde falar, ele balbuciou:

— Retirem-se desta casa... os dois... imediatamente... Andem!...

Limousin permanecia no seu canto, colado contra a parede, ainda muito espantado para que pudesse compreender alguma coisa, muito assustado para mover um só dedo. Henriette, com os punhos apoiados sobre o aparador, a cabeça para a frente, despenteada, o corpinho aberto, o colo nu, esperava, semelhante a uma fera que vai saltar.

Parent tornou a falar, com uma voz muito mais forte:

— Retirem-se imediatamente.. Retirem-se!

Vendo acalmada a primeira excitação, sua mulher recobrou o ânimo, endireitou-se, deu dois passos para ele e, quase

insolente já:

— Perdeu então a cabeça?... Que coisa te deu?...

Por que essa inqualificável agressão?

Ele voltou-se, com o punho erguido para castigá-la, a gaguejar:

— Oh!... oh!... é demais... é demais!.. Eu ouvi... tudo!... tudo!... compreende?... tudo!... miserável!.. miserável!... Vocês são uns miseráveis!... Retirem-se!... os dois!... Imediatamente!... Senão eu mato!... Andem andem! Fora daqui!

Ela compreendeu que estava acabado, que ele sabia, que ela não poderia inocentar-se e que era preciso ceder. Mas toda sua imprudência lhe voltara, e o ódio que sentia daquele homem, esse ódio agora exasperado, a arrastava à audácia, numa necessidade de desafio, de bravata.

Ela disse com uma voz límpida:

— Vem, Limousin. Visto que me escorraçam, eu vou para sua casa.

Mas Limousin não dava um passo. Parent, que uma nova cólera acometia, pôs-se a gritar:

— Fora daqui!... fora daqui!... miseráveis!... senão!... senão!...

Ele apoderou-se de uma cadeira, brandindo-a sobre sua cabeça.

Então Henriette atravessou a sala num passo rápido, tomou o amante pelo braço, arrancou-o da parede, a

que ele parecia selado, e arrastou-o para a porta, repetindo:

— Mas, vem, meu amigo, vem... Vê como esse homem está louco... Vem comigo!...

No momento de sair, ela voltou-se para o marido, procurando o que poderia fazer, o que poderia inventar para feri-lo no coração, ao deixar aquela casa. E uma idéia atravessou-lhe o espírito, uma dessas idéias venenosas, mortais, em que fermenta toda a perfídia das mulheres.

E disse, resoluta:

— Eu quero levar o meu filho. Parent, estupefato, balbuciou:

— O seu... o seu... filho?... Você se atreve... você se atreve a pedir seu filho... depois... depois... Oh! oh! é demais... Você se atreve?... Saia já daqui, rameira!... Anda!...

Ela voltou para ele, quase sorridente, quase vingada já, e desafiando-o, bem de perto, cara a cara:

— Eu quero o meu filho... e você não tem o direito de conservá-lo porque ele não é seu... está ouvindo? está ouvindo bem?... Ele não é seu... Ele é de Limousin.

Parent, transtornado, gritou:

— Você mente... você mente... miserável! Mas a mulher continuou:

— Imbecil! Todo mundo sabe, menos você. Pois eu digo que ali está seu pai. Basta olhar para ele para perceber...

Parent recuava ante ela. Depois, bruscamente, voltou-se, pegou uma vela e precipitou-se para o quarto vizinho.

Voltou quase em seguida, trazendo ao colo o pequenino Georges, embrulhado na sua coberta de cama. O menino, despertado em sobressalto, chorava amedrontado. Parent lançou-o nos braços da sua mulher, depois, sem acrescentar uma única palavra, empurrou-a rudemente para fora, para a escada, onde Limousin esperava, por prudência.

Em seguida fechou a porta, deu duas voltas à chave e correu os ferrolhos. Nem bem tinha voltado, ele tombou inteiro no chão.

Parent viveu só, absolutamente só. Durante as primeiras semanas que se seguiram à separação, a estranheza da sua vida nova o impediu de pensar muito. Havia retomado sua vida de solteiro, seus hábitos de vadiagem, e comia no restaurante, como outrora. Como quisera evitar todo e qualquer escândalo, pagava uma pensão à sua mulher. Pouco a pouco, porém, a lembrança do menino começou a importunar-lhe o pensamento. Muitas vezes, quando estava sozinho, de noite, em casa, ele imaginava de súbito ouvir Georges gritar "papai". Seu coração logo começava a bater e ele erguia-se depressa para abrir a porta da escada e ver se por acaso o pequeno não teria voltado. Sim, ele bem teria podido voltar como voltam os cães e os pombos. Por que uma criança haveria de ter menos instinto que um animal?

Reconhecido o engano, ele voltava então a sentar-se na sua cadeira, e pensava no pequeno. Pensava nele durante horas inteiras, dias inteiros. Não era tão-somente uma obsessão moral, mas também, e mais ainda, uma obsessão física, uma necessidade sensual, nervosa, de beijá-lo, de o segurar, de o apalpar, de o sentar sobre seus joelhos, de fazê-lo brincar de acrobata em seus braços. Exasperava-se à febril lembrança dos afagos passados. Sentia os pequeninos braços enlaçando o seu pescoço, a pequenina boca pousando um grande beijo em sua barba, os pequeninos caracóis dourados acariciando sua face. O anseio daqueles doces carinhos extintos, da pele suave e quente oferecida aos lábios, o enlouquecia como o desejo de uma mulher amada que fugiu.

Na rua, de repente, ele punha-se a chorar, pensando que o poderia ter ali, o seu Georgico, amiudando os passinhos a seu lado, como outrora, quando saíam ambos a passear. Regressava então à casa; e, com a cabeça entre as mãos, soluçava até a noite.

Vinte, cem vezes num dia, ele indagava consigo: "Sou, ou não sou o pai de Georges?" Mas era sobretudo de noite que ele se entregava, ante essa questão, a intermináveis raciocínios. Mal se havia deitado, recomeçava, cada noite, a mesma série de argumentações desesperadas.

No princípio, após a partida de sua mulher, ele não tivera mais dúvidas: o menino pertencia a Limousin. Depois, pouco a pouco, recomeçou a hesitar. Certamente, a afirmativa de Henriette não podia ter nenhum valor. Ela o fizera por provocação, para desesperá-lo. Pesando friamente os prós e os contras, havia bastante possibilidade de que ela tivesse mentido.

Só Limousin, talvez, teria podido dizer a verdade. Mas como saber, como interrogá-lo, como fazê-lo confessar?

E às vezes, alta noite, Parent se levantava, decidido a ir procurar Limousin, a rogar-lhe, a oferecer-lhe tudo o que ele quisesse, para dar fim àquela abominável angústia. Mas tornava a deitar-se, desesperado, depois de refletir que o amante também haveria de mentir! Sim, ele mentiria, na certa, para impedir que o pai verdadeiro recuperasse o seu filho.

E então, que fazer? Nada!

E desolava-se por haver assim forçado os acontecimentos, por não ter refletido, agüentado, não ter sabido esperar e dissimular, durante um mês ou dois, a fim de verificar tudo com seus próprios olhos. Deveria ter fingido não suspeitar de nada, e deixá-los que se traíssem insensivelmente. Teria bastado a ele ver o outro beijar a criança para adivinhar, para compreender. Um amigo não beija como um pai. Ele os teria espiado por detrás das portas! Como não tinha pensado nisso? Se Limousin, ficando a sós com Georges, não o tivesse em seguida pegado, abraçado, beijado com ardor, se o tivesse deixado a brincar, com indiferença, sem se preocupar com ele, nenhuma hesitação seria mais possível: é que então ele não era, não se supunha, não se sentia pai.

De maneira que ele, Parent, expulsando a mãe, teria conservado seu filho, e teria sido feliz, completamente feliz.

E ele se revirava no leito, suando, torturado, procurando lembrar-se das atitudes de Limousin com o pequeno. Mas não lembrava nada, absolutamente nada, nenhum gesto, nenhum olhar, nenhuma palavra, nenhuma carícia suspeita. E, de resto, nem a mãe tampouco se preocupava com o filho.

Se ela o houvesse concebido de seu amante, ter-lhe-ia sem dúvida mais amor.

E ele se decidia, pela madrugada, a recorrer à Justiça, para que lhe devolvessem Georges.

Mas nem bem havia tomado essa resolução, sentia-se invadido pela certeza contrária. Visto que Limousin tinha sido desde o primeiro dia amante de Henriette, o seu amante amado, ela deveria ter-se entregado a ele com esse ímpeto, esse abandono, esse ardor que tornam mães as mulheres. A fria reserva que Henriette sempre

imprimira às suas relações íntimas com ele, Parent, não era também um obstáculo a que ela fosse fecundada pelo seu beijo?

Iria, assim, reclamar, trazer consigo, conservar sempre e cuidar o filho de um outro. Não poderia olhá-lo, beijá-lo, ouvi-lo dizer "papai" sem que este pensamento o ferisse, o dilacerasse: "Não é meu filho!" Iria condenar-se a esse suplício de todos os instantes, a essa vida de miserável! Não, seria melhor ficar sozinho, viver sozinho, envelhecer e morrer sozinho.

E cada dia, cada noite, recomeçavam aquelas abomináveis hesitações e aqueles sofrimentos que nada podia acalmar nem terminar. Temia sobretudo a penumbra da noite que desce, a tristeza dos crepúsculos. Havia, em tais momentos, no seu coração desamparado, como que uma chuva de aflição, uma inundação de desesperos que tombava com as trevas, o afogava e endoidecia. Ele tinha medo de seus pensamentos como se tem medo dos bandidos, e fugia deles como um animal acossado. Temia mais do que tudo o seu quarto vazio, tão escuro, terrível, e as ruas desertas também, onde unicamente brilha, de espaço a espaço, um bico de gás e onde o transeunte solitário que se escuta de longe, parece um malfeitor e nos faz retardar ou apressar o passo, conforme vem pela nossa frente ou pela retaguarda.

E Parent, malgrado seu, por instinto, ia para as grandes ruas iluminadas e movimentadas. A luz e a multidão o atraíam, o distraíam, o atordoavam. Depois, quando se cansava de errar, de vagabundear entre os remoinhos do público, quando via os transeuntes se tornarem mais raros e as calçadas mais desimpedidas, o terror da solidão e do silêncio arrastava-o para um grande café cheio de fregueses e de claridade.

Lá ia ele como vão as moscas para a chama, sentava-se a uma mesinha redonda e pedia cerveja. Bebia-a lentamente, inquietando-se cada vez que um freguês se erguia para retirar-se. Desejaria pegá-lo pelo braço, detê-lo, rogar-lhe que ficasse ainda mais um pouco, de tal modo temia o instante em que o garçom, parado diante dele, pronunciaria com um ar furioso: "Vamos, senhor, já vai fechar!"

Pois, cada noite, ele era sempre o último freguês. Via recolherem as mesas, apagarem, um por um, os bicos de gás, salvo dois, o seu e o do balcão. Via, com um olhar desolado, a caixa contar a fêria e guardá-la na gaveta; e ele ia embora posto na rua pelo pessoal, que murmurava: "Mas que palerma! Parece que não sabe onde dormir".

E logo que se via só na rua escura recomeçava a pensar no seu Georgico, a torturar a cabeça para descobrir se era ou não o pai de seu filho.

Adquiriu assim o hábito dos bares, onde o convívio contínuo dos bebedores nos põe em contato com um público familiar e silencioso e o denso fumo dos cachimbos adormece as inquietudes, enquanto a cerveja espessa entorpece o espírito e acalma o coração.

Ali vivia. Logo que se levantava, ia ao seu bar em busca de vizinhos com que ocupasse os olhos e o pensamento. Depois, por preguiça de mover-se, começou a fazer ali mesmo suas refeições. Pelo meio-dia, ele batia com o pires do chope na mesa de mármore, o garçom trazia prontamente um talher, um copo, um guardanapo e o almoço do dia. Logo que acabava de comer, tomava lentamente o café, com o olhar fixo no garrafão de aguardente, que lhe daria umas boas horas de embrutecimento. Primeiro umedecia os lábios na bebida, como para tomar-lhe o gosto, colhendo somente o sabor do líquido com a ponta da língua. Depois o derramava, gota a gota, na boca, erguendo a cabeça, passava lentamente o forte licor pelo céu da boca, pelas gengivas, por toda a mucosa das bochechas, misturando-o com a saliva clara que aquele contato fazia brotar. Tendo-o suavizado com aquela mistura, ele o engolia então com recolhimento, sentindo-o deslizar ao longo da garganta, até o fundo do estômago.

Depois de cada refeição, ele bebericava assim, durante mais de uma hora, três ou quatro cálices, que o adormentavam pouco a pouco. Então inclinava a cabeça para o ventre, fechava os olhos e cochilava. Acordava-se pelo meio da tarde, e estendia em seguida a mão para o chope que o garçom colocara à sua frente durante a sesta; depois de bebê-lo, erguia-se um pouco do assento de veludo vermelho, levantava a calça, abaixava o colete, para cobrir a faixa branca surgida entre os dois, sacudia a gola do casacão, puxava os punhos da camisa para fora das mangas e retomava os jornais, que já lera de manhã.

Recomeçava a leitura da primeira à última linha, inclusive os anúncios, pedidos de emprego, participações, cotações da Bolsa e programas de teatro.

Entre as quatro e as seis horas ia dar um giro pelos bulevares, para tomar ares, dizia ele; depois voltava a sentar-se no lugar que lhe haviam reservado e pedia o seu absinto.

Conversava, então, com os fregueses com quem travara relações. Comentavam as notícias do dia, os acontecimentos diversos e os sucessos políticos; isso o levava até a hora da janta. O serão se passava com a tarde, até a hora do fechamento. Era para ele o instante terrível, o instante em que era preciso voltar para o escuro, para o quarto vazio, cheio de lembranças torturantes, de pensamentos horríveis e de angústias. Ele não

se avistava com mais nenhum dos seus velhos amigos, com nenhum dos seus parentes, com ninguém que lhe pudesse lembrar sua vida passada.

Mas como seu apartamento se tornava um inferno, alugou um quarto num grande hotel, um belo quarto do andar térreo, a fim de ver os passantes. Não estava mais só, ali naquele vasto alojamento público; sentia agitarem-se outras vidas em redor de si, ouvia vozes por detrás dos compartimentos; e, quando seus sofrimentos antigos o acossavam muito cruelmente ante o leito vazio e seu fogo solitário, ele saía para os compridos corredores e passeava como uma sentinela, ao longo de todas as portas fechadas, olhando com tristeza os calçados aos pares diante de cada uma, os delicados sapatos de mulher aconchegados contra os fortes sapatos de homem: e ele pensava que aquelas criaturas eram felizes, sem dúvida, e dormiam ternamente, lado a lado, ou enlaçadas no calor da cama.

Cinco anos assim se passaram; cinco anos mortos, sem mais acontecimentos que os amores de duas horas, a dois luíses, de tempos em tempos.

Ora, um dia, quando ele dava o seu passeio habitual, entre a Madeleine e a rua Drouot, avistou de repente uma mulher cujo vulto o impressionou vivamente. Um senhor alto e um menino a acompanhavam. Iam os três adiante dele. "Onde já vi essas pessoas?", perguntava ele consigo e, de súbito, reconheceu um gesto da mão: era a sua mulher, a sua mulher com Limousin, e com o seu filho, o seu pequeno Georges.

Seu coração palpitava a ponto de o sufocar, mas ele não parou; queria vê-los; e os seguiu. Dir-se-ia uma família exemplar, uma boa família de bons burgueses. Henriette se apoiava ao braço de Paul, falava-lhe docemente, olhando-o às vezes de lado. Parent via-a então de perfil, reconhecia o contorno gracioso de seu rosto, os movimentos de sua boca, o seu sorriso, e a carícia de seu olhar. O menino antes de tudo o preocupava. Como ele estava grande e forte! Parent não podia perceber o rosto, mas somente os cabelos loiros, que tombavam sobre a gola em crespos caracóis. Era Georgico, aquele desempenado meninote de pernas nuas, que ia, como um homenzinho, ao lado de sua mãe.

Ao pararem diante de uma loja, ele os viu subitamente, os três. Limousin estava grisalho, mais velho, e mais magro; Henriette, pelo contrário, mais fresca do que nunca, havia engordado; Georges se tornara irreconhecível, tão diferente estava de outrora!

Continuaram os três o seu caminho. Parent os seguiu de novo; depois, a largos passos, lhes ganhou a dianteira, para voltar e revê-los, bem de perto, pela frente. Quando passou pelo menino, teve vontade, uma vontade louca de o pegar pelo braço e arrebatá-lo. Deu-lhe um leve encontrão como por acaso. O pequeno virou a cabeça e lançou àquele desastrado um olhar de descontentamento. Então Parent fugiu, tocado, perseguido, ferido por aquele olhar. Fugiu como um ladrão, acossado do medo horrível de ter sido visto e reconhecido pela mulher e seu amante. Foi de uma corrida até seu bar e caiu, arquejante, sobre sua cadeira.

Ele bebeu três absintos naquela tarde.

Durante quatro meses, guardou no coração a chaga daquele encontro. Cada noite os revia, aos três, felizes e tranqüilos, pai, mãe, filho, passeando pelo bulevar, antes de regressarem para a janta. Aquela visão nova apagava a antiga. Era outra coisa, agora, outra alucinação, também uma outra dor. O pequeno Georges, a quem tanto amara e beijara outrora, desaparecia num passado longínquo e extinto, e ele via um novo, como que um irmão do primeiro, um menino de canelas nuas—e que não o conhecia! Ele sofria horrivelmente a este pensamento! O amor do pequeno estava morto; nenhum elo existia entre ambos; o menino não lhe estendera os braços ao avistá-lo, como antes. Tinha-lhe até lançado um olhar inimigo.

Depois, pouco a pouco, sua alma se acalmou de novo; suas torturas mentais se enfraqueceram; a imagem que lhe surgira ante os olhos e que alucinava suas noites foi se tornando indecisa e mais rara. Pôs-se a viver mais ou menos como toda a gente, como todos os ociosos que ingerem chopes nas mesas de mármore e gastam as calças pelo fundilho no veludo cocado das banquetas.

Ele envelheceu entre o fumo dos cachimbos, perdeu os cabelos sob a chama do gás, considerou como acontecimentos o banho de cada semana, o corte de cabelo de cada quinzena, a compra de um traje novo ou de um chapéu. Quando chegava à sua cervejaria com um chapéu novo, contemplava-se longamente ao espelho antes de sentar-se, punha-o e tirava-o várias vezes seguidas, acomodava-o de diferentes modos, e perguntava enfim à sua amiga, a caixa do estabelecimento, que o olhava interessada: "Acha que me assenta bem?"

Duas ou três vezes por ano ele ia ao teatro; e, no verão, passava algumas vezes as suas noites num café-concerto dos Campos Elísios. De lá trazia na cabeça árias que cantavam no fundo de sua memória durante várias semanas e que ele chegava mesmo a cantarolar, batendo o compasso com o pé, quando se achava sentado ante seu chope.

Os anos se sucediam, lentos, monótonos, e curtos porque eram vazios.

Ele não os sentia deslizarem sobre si mesmo. Ia para a morte sem se mexer, sem se agitar, sentado diante de uma mesa de cervejaria; e só o grande espelho, onde ele apoiava seu crânio cada dia mais desnudado, refletia as devastações do tempo que passa e foge, devorando os homens, os pobres homens.

Agora só raramente pensava no drama tremendo em que soçobrara sua vida, pois vinte anos eram passados depois daquela terrível noite.

Mas a existência que depois ele se constituíra o havia desgastado, abrandado, exaurido; e muitas vezes o dono da sua cervejaria, o sexto proprietário desde que ele começara a freqüentar aquele estabelecimento, lhe recomendava: "O senhor deveria sacudir-se um pouco, Monsieur Parent: tomar ares, ir para o campo; asseguro-lhe que o senhor tem mudado muito nestes últimos meses".

E depois que seu freguês saía, o comerciante comunicava suas reflexões à caixa: "Esse pobre Parent vai mal, Mile. Zoé. É o diabo isto de não deixar nunca Paris. Já que ele tem confiança em você, convença o velho a ir comer uma peixada nos arredores, de vez em quando. Isso o fará melhorar".

E a caixa, cheia de piedade e benevolência para com aquele consumidor obstinado, repetia diariamente a Parent: "Vamos, Monsieur Parent, decida-se a tomar ares! É tão lindo o campo quando faz bom tempo! Oh! se eu pudesse, eu passaria a minha vida no campo!"

E ela lhe comunicava os seus sonhos, os sonhos poéticos e simples de todas as pobres moças encerradas do princípio ao fim do ano detrás das vidraças de uma loja e que vêem passar a vida factícia e trepidante da rua enquanto pensam na calma e doce vida do campo, a vida debaixo das árvores, ao sol radioso que tomba sobre os prados, sobre os bosques profundos, sobre os claros rios, sobre as vacas deitadas na relva, e sobre todas as flores diversas, todas as flores livres, azuis, vermelhas, amarelas, roxas, lilases, róseas, brancas; tão graciosas, tão frescas, tão perfumadas, todas as flores da natureza que se colhem passeando e de que se fazem enormes ramalhetes.

Ela sentia prazer em lhe falar continuamente do seu desejo eterno, irrealizado e irrealizável; e ele, pobre velho sem esperanças, sentia prazer em escutá-la. Ele vinha sentar-se agora junto do balcão, para conversar com Mile. Zoé e discutir sobre o campo com ela. Então, pouco a pouco, lhe veio um vago desejo de ir ver se era mesmo tão bom, como ela dizia, fora dos muros da grande cidade. Certa manhã ele perguntou:

— Sabe você onde se pode comer bem nos arredores de Paris?

Ela respondeu:

— Vá então ao terraço de Saint-Germain. é tão bonito! Ele havia passeado por lá outrora, na época do seu noivado. Resolveu rever o local.

Escolheu um domingo, sem motivo especial, unicamente porque é costume sair aos domingos, mesmo quando não se faz nada durante a semana.

Partiu, pois, num domingo de manhã, para Saint-Germain.

Era princípio de julho, um dia esplendoroso e quente. Assentado contra a portinhola do vagão, ele via deslizarem as árvores e as pequenas casas extravagantes dos subúrbios de Paris. Sentia-se triste, aborrecido por ter cedido àquele desejo novo, por ter quebrado seus hábitos. A paisagem cambiante e sempre igual o fatigava. Sentia sede; em cada estação, de bom grado teria descido para sentar-se no café entrevisto na plataforma, beber um chope ou dois e tomar o primeiro trem que passasse para Paris.

Interessou-se no entanto pelo Sena, de cada vez que o atravessava. Viu passarem, sob a ponte de Chatou ioles vigorosamente impulsionados pelos seus remadores de braços nus; e pensou: "Esses folgazões não devem aborrecer-se".

A longa faixa d'água que se estendia, a perder de vista, de um lado a outro da ponte do Pesq, despertou, no fundo do seu coração, um vago desejo de passeio à beira-rio. Mas o trem mergulhou no túnel que precede a estação de Saint-Germain para em seguida parar na plataforma.

Parent desceu e, pesado de fadiga, dirigiu-se, com as mãos às costas, para o terraço. Chegado à balaustrada de ferro, deteve-se para contemplar o horizonte. A planície imensa estendia-se à sua frente, vasta como o mar, toda verde e povoada de grandes aldeias, tão populosas como cidades. Estradas brancas atravessavam aquela vasta região, braços de mata a sombreavam por vezes, os pantanais do Vésinet fulgiam como chapas de prata, e os contornos longínquos de Sannois e de Argenteuil se desenhavam sob uma bruma leve e azulada, que mal os deixava adivinhar. O sol banhava com sua luz abundante e quente toda a imensa paisagem, um pouco velada pelos vapores matinais, pelo suor da terra aquecida exalando-se em nevoeiros tênues, e pelo bafo úmido do Sena, que se desenrolava como uma serpente sem fim através das planícies, costeava as aldeias e contornava as colinas.

Uma brisa leve, cheia do odor das folhagens e das seivas, acariciava a pele, penetrava no fundo do peito,

parecia rejuvenescer o coração, espantear o espírito, vivificar o sangue.

Parent, surpreso, respirava-a profundamente, com os olhos deslumbrados pela extensão da paisagem; e murmurou: "Como se está bem aqui!"

Andou alguns passos, e parou de novo para olhar. Ele julgava descobrir coisas desconhecidas e novas, não coisas que seu olhar divisava, mas coisas que sua alma pressentia, acontecimentos ignorados, felicidades entrevistas, alegrias inexploradas, todo um horizonte de vida que ele jamais suspeitara e que se lhe desvendava de súbito ante aquele horizonte de campanha ilimitada.

E toda a lastimável tristeza de sua existência lhe apareceu iluminada pela claridade violenta que inundava a terra. Ele viu seus vinte anos de café, desanimados, monótonos,

desoladores. E pensar que poderia ter viajado como tantos outros, ir para longe, muito longe, a ver outros povos, terras quase incógnitas, para além dos mares, interessar-se por tudo o que apaixona os outros homens, pelas artes, pelas ciências, amar a vida multiforme, a vida misteriosa, encantadora ou pungente, sempre mutável, sempre inexplicável e curiosa. Sentiu que se ficasse sozinho por mais tempo naquele lugar iria perder a cabeça, e alcançou depressa o pavilhão Henrique IV, para almoçar, para atordoar-se com vinho e aguardente e falar com alguém, ao menos.

Tomou uma mesinha nos bosquetes de onde se avista toda a campanha, escolheu o seu cardápio e pediu que o servissem imediatamente.

Outros passeantes chegavam, sentavam às mesas vizinhas. Ele sentia-se melhor; não estava mais só.

Num caramanchão, três pessoas almoçavam. Ele os havia olhado várias vezes sem os ver, como se olha para os indiferentes.

De repente, uma voz de mulher provocou nele um desses choques que fazem estremecer a medula.

Assim dissera, aquela voz: "Georges, você é que vai trincar o frango".

E uma outra voz respondeu: "Sim, mamãe". Parent ergueu os olhos; e compreendeu, adivinhou logo quem eram eles! Certamente que não os teria reconhecido. Sua mulher estava de cabelos brancos agora, conservava-se ainda bastante forte, e tinha todo o aspecto de uma velha dama séria e respeitável; e comia avançando a cabeça, por temor às manchas, embora tivesse coberto o seio com um guardanapo. Georges se tornara um homem. Usava barba, uma dessas barbas desiguais e quase incolores que se enroscam sobre a face dos adolescentes. Trazia um chapéu alto, colete de cetim branco, por chiquismo, sem dúvida. Parent olhava-o estupefato! Era aquele o Georges, seu filho? Não, ele não conhecia aquele jovem; não podia existir nada de comum entre ambos.

Limousin estava de costas e comia, com as espáduas um pouco curvadas.

Com que então aquelas três criaturas pareciam felizes e contentes! Eles vinham almoçar no campo, em restaurantes conhecidos. Tinham levado uma tranqüila e doce existência, uma existência familiar em um lar confortável e povoado de todos os nadas que tornam a vida agradável, de todas as doçuras da afeição, de todas as palavras de carinho que a gente troca quando se ama. E tinham vivido assim graças a ele, Parent, graças ao seu dinheiro, depois de o terem enganado, roubado, perdido! Eles o tinham condenado, a ele, o inocente, o simples, o bom, a todas as riquezas da solidão, à abominável vida que ele arrastara entre uma calçada e um bar, a todas as torturas morais e a todas as misérias físicas! Tinham feito dele um inútil, perdido, desamparado no mundo, um pobre velho sem alegrias possíveis, sem expectativas, que não esperava nada de coisa alguma e de ninguém. Para ele a Terra era deserta, porque ele não amava ninguém sobre a face da Terra. Ele podia percorrer os povos ou percorrer as ruas, entrar em todas as casas de Paris, abrir todos os quartos, e não encontraria, por detrás de nenhuma porta, o rosto procurado, querido, rosto de mulher ou rosto de criança, o rosto que sorri ao avistar-nos. E esta idéia sobretudo o incomodava, a idéia da porta que a gente abre para encontrar e beijar alguém, do outro lado.

E a culpa era daqueles três miseráveis! daquela mulher indigna, daquele amigo infame e daquele rapagão loiro, que assumia ares arrogantes.

Ele agora também odiava Georges, tanto quanto aos outros dois. Não era ele filho de Limousin? Será que Limousin, se não fora isso, o teria conservado e amado? Será que Limousin não teria logo abandonado a mãe e o pequeno, se não soubesse que o pequeno era dele, e bem dele? Pois quem é que iria criar os filhos dos outros?

Com que então ali estavam eles, bem perto, aqueles três que tanto o haviam feito sofrer!

Parent os olhava, irritando-se, exaltando-se à recordação de todas suas dores, de todas suas angústias, de todos seus desesperos. Ele exasperava-se, antes de tudo, com seu ar plácido e satisfeito. Tinha vontade de matá-los, de jogar-lhes o seu sifão de água de Seltz, fender a cabeça de Limousin, que ele via, a cada instante, baixar-se para o prato e erguer-se em seguida.

E eles continuaram a viver assim, sem cuidados, sem inquietações de espécie alguma. Não, não. Era demais afinal! Ele se vingaria; iria vingar-se imediatamente, já que os tinha ali à mão. E procurava, sonhava coisas tremendas como as que acontecem nos folhetins, mas não encontrava nada de prático. E bebia, trago após trago, para excitar-se, para criar coragem, para não perder semelhante oportunidade, que por certo nunca mais se repetiria.

De súbito, ocorreu-lhe uma idéia, uma idéia terrível; e ele parou de beber para amadurecê-la. Um sorriso lhe encrespava os lábios; ele murmurava: "Já os peguei. Já os peguei. Agora, sim, eles vão ver".

Um garçom lhe perguntou:

Já está servido senhor? Quer comer mais alguma coisa?

Não. Café e conhaque, do melhor.

E ele os olhava, bebericando os seus traguinhos. Havia muita gente naquele restaurante para que ele pudesse fazer o que queria; esperaria e os seguiria; pois certamente eles iriam passear pelo terraço ou na floresta. Quando estivessem um pouco afastados, ele os alcançaria, e então se vingaria, sim, se vingaria! E já era tempo, depois de vinte e três anos de sofrimentos. Ah! eles nem sonhavam o que lhes ia acontecer.

Terminavam lentamente o seu jantar, conversando com toda a segurança. Parent não podia ouvir as palavras, mas via os seus gestos calmos. O aspecto de sua mulher, sobretudo, o exasperava. Ela adquirira um ar superior, um ar de devota gorda, de devota inabordável, encouraçada de princípios, blindada de virtudes.

Depois pagaram a conta e levantaram-se. Então ele viu Limousin. Dir-se-ia um diplomata aposentado, tão importante parecia com suas belas suíças macias e sedosas, cujas pontas tombavam sobre a gola do redingote.

Eles saíram. Georges fumava um charuto e trazia o chapéu de banda sobre a orelha. Parent, em seguida, saiu atrás deles.

Deram uma volta pelo terraço e admiraram o panorama, com placidez, como admiram as pessoas bem jantadas; depois entraram na floresta.

Parent esfregava as mãos, e continuava a segui-los, à distância, para não chamar-lhes a atenção prematuramente.

Eles caminhavam descansadamente, tomando um banho de verdura e tepidez. Henriette se apoiava no braço de Limousin e seguia, direita, a seu lado, como esposa orgulhosa e segura de si. Georges arrancava folhas com seu pingalim, e franqueava às vezes os fossos do caminho, num salto leve de cavalo novo e ardente, prestes a desabalar campo a fora.

Parent, pouco a pouco, se aproximava, arquejante de emoção e de fadiga, pois nunca fazia daquelas marchas. Logo os alcançou, mas o medo o assaltara, um medo confuso, inexplicável, e ele passou além dos três, para retroceder e abordá-los de frente.

Ele seguia, com o coração a bater, sentindo-os atrás de si presentemente, e repetia: "Vamos, é agora: coragem! coragem! É agora!"

Voltou-se e olhou. Estavam sentados, os três, ao pé de uma grande árvore, e continuavam a conversar.

Decidiu-se, então, e voltou a passo rápido. Ao passar por eles, deteve-se e, parado no meio do caminho, balbuciou num tom breve, com a voz carregada pela emoção:

— Sou eu! Aqui estou! Não esperavam que eu viesse? Os três examinavam aquele homem, que lhes parecia louco.

Ele tornou:

— Parece que não me reconheceram. Pois olhem-me bem! Eu sou Parent, Henri Parent. Não me esperavam hein? Pensavam que estava tudo acabado, que nunca mais me veriam, nunca mais. Ah! isto, não, eis-me de volta. Vamo-nos explicar, agora.

Henriette, desvairada, ocultou o rosto nas mãos, murmurando: "Oh! meu Deus!"

Vendo aquele desconhecido que parecia ameaçar sua mãe, Georges se erguera, decidido a matá-lo.

Limousin, aterrorizado, esgazeava os olhos para aquele fantasma, que, depois de ofegar por alguns instantes, continuou:

— Pois agora nós vamos ter uma explicação. É chegada a hora. Ah! Então vocês me enganaram, me condenaram a uma vida solitária e julgavam que eu não havia de pegá-los um dia?

Mas o jovem segurou-o pelos ombros e, empurrando-o:

— Está louco? Que quer você? Suma-se imediatamente! ou eu lhe dou umas bordoadas, seu atrevido!

— Que quero eu? Eu quero te dizer o que eles são. Mas Georges, exasperado, sacudia-o, ia bater-lhe. O outro continuou:

— Largue-me. Eu sou seu pai... Olha! vê se eles não me reconhecem agora, aqueles miseráveis!

Desnortado, o rapaz baixou os braços e voltou-se para sua mãe.

Parent, vendo-se livre, avançou para ela:

— Anda! Diga você mesma quem sou eu! Diga que meu nome é Henri Parent e que sou seu pai porque ele se chama Georges Parent, porque você é minha mulher, porque vocês três vivem do meu dinheiro, da pensão de dez mil francos que eu te pago, desde que escorracei vocês da minha casa... Conte-lhe também por que foi que eu corri com vocês.. Porque eu te surpreendi com esse infame, esse canalha, o seu amante! Diga a ele o que era eu! um homem confiante, honesto, com quem você se casou por interesse e que enganou desde o primeiro dia. Diga-lhe quem são vocês e quem sou eu...

Ele balbuciava, arquejava, arrebatado pela cólera.

A mulher gritou com uma voz lancinante:

— Não deixe, Paul! Não deixe! Que ele se cale, meu Deus! Não deixe que ele diga isso diante do meu filho!

Limousin, por sua vez, erguera-se. Ele murmurou, numa voz muito baixa:

— Cale-se. Cale-se. Repare no que está fazendo. Parent retrucou, arrebatado:

— Eu sei muito bem o que estou fazendo. E não é tudo. Há uma coisa que eu quero saber, uma coisa que me tortura há vinte anos.

Depois, voltando-se para Georges, que, transtornado, se apoiara ao tronco de uma árvore:

— Escute-me: quando ela partiu de minha casa, achou que não era bastante haver me traído; ela quis ainda desesperar-me. Você era todo meu consolo; pois bem, ela te carregou, jurando-me que eu não era seu pai, que seu pai era ele! Seria mentira? Não sei. Há vinte anos que eu faço a mesma pergunta.

Ele avançou para bem perto dela, trágico, terrível, e, arrancando a mão com que sua mulher cobria o rosto:

— Bem! Eu intimo hoje a me dizer qual de nós é o pai deste rapaz: ele ou eu, o seu marido ou o seu amante. Vamos, vamos, fale!

Limousin lançou-se a ele. Parent o repeliu e, zombando com furor:

— Ah! você está valente hoje; está muito mais valente do que no dia em que escapou pela escada porque eu ia te espancar. Pois bem! se ela não responde, responda você agora. Você deve saber tão bem quanto ela. Diga-me, é você o pai deste rapaz? Anda! Fala!

Ele voltou-se para sua mulher.

— Se não quer dizer a mim, diz a seu filho, pelo menos.

Ele é um homem, hoje. Tem o direito de saber quem é seu pai. Eu, eu não sei, eu nunca soube, nunca, nunca! Eu não posso te informar, meu rapaz.

A exaltação crescia, a sua voz alçava-se em agudos. E ele agitava os braços como um epilético.

Anda, você aí... Responde... Oh! ela não sabe... Aposto que não sabe... Pudera!... Pois se ela se deitava Cor os dois!... Ah! ah! ah!... ninguém sabe... ninguém... Como é que se pode saber dessas coisas?... Você nunca saberá também, meu rapaz, você nunca saberá, como eu... nunca... Anda... pergunta-lhe... pergunta-lhe... Verá que ela não sabe... Nem eu, tampouco... nem ele... nem você... ninguém sabe... Você pode escolher... sim... você pode escolher... ele ou eu... Escolhe... A deus... Acabou-se... Se ela resolver contar a você, venha falar comigo no Hotel dês Continents. Será um prazer para mim, saber de tudo... Adeus... Desejo-lhes que passem muito bem...

E foi-se embora a gesticular, continuando a falar sozinho, sob as grandes árvores, no ar limpo e fresco, cheio do odor das seivas. Ele não se voltou para vê-los. Caminhava direito para frente, numa arremetida de furor, num rpto de exaltação, o espírito arrebatado pela sua idéia fixa.

Quando deu por si, estava na estação. Um trem ia partindo. Ele embarcou. Durante a viagem, sua cólera aplacou-se, seu espírito voltou ao normal e ele chegou em Paris, estupefato da sua audácia.

Sentia-se alquebrado como se lhe tivessem partido os ossos. Foi no entanto beber um chope no seu bar.

Ao vê-lo entrar, Mile. Zoé, surpresa, perguntou-lhe:

— Já de volta? Como é? Está cansado? Ele respondeu:

— Sim... sim... muito cansado... muito cansado... Ivocê compreende... quando não se tem o hábito de sair...

Acabou-se! Não irei mais para fora. Seria melhor não ter ido. De hoje em diante, não me moverei daqui.

E ela não conseguiu fazê-lo contar seu passeio, por mais que o desejasse.

Pela primeira vez na sua vida, ele embriagou-se completamente, aquela noite, e tiveram de mandar levá-lo para casa.